

A LUTA CONTRA A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA: AS ORGANIZAÇÕES INFORMAIS NO COTIDIANO DAS MULHERES NEGRAS NO QUILOMBO URBANO DE CUSTODÓPOLIS

The fight against the black woman's invisibility: informal organizations in the daily life of black women in the urban quilombo of Custodópolis

Luciana dos Santos Jorge Pessanha*
Pedagoga e mestranda em Sociologia Política

Hélen de Oliveira Soares Jardim**
Assistente Social e Doutoranda em Antropologia

Resumo

Aprender com as experiências de mulheres negras Quilombolas através das organizações informais no cotidiano do Quilombo urbano de Custodópolis, com seus sentires, fazeres e dizeres sinalizam processos culturais nas lutas diárias pela visibilidade da coletividade e as formas pelas quais estas práticas efetuam pedagogias nos seus cotidianos, em meio às relações que experimentam na vida comunitária deste bairro. Delineiam-se uma pedagogia que se abre ao diferente, ao cruzamento das diferenças étnico-raciais e de gênero, interseccionadas a outros marcadores sociais, como raça, classe, gerações, de gênero, de territorialidade, de sexualidades, desigualdades sociais, o que possibilita desmistificar e combater preconceitos, a estigmatização e violências perante a efetivação de políticas de planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Organizações informais. Mulheres negras Quilombolas. Territorialidade. Coletividade.

Abstract

Learn from the experiences of black Quilombola women through informal organizations in the daily life of the urban Quilombo of Custodópolis, with their feelings, actions, and sayings, signal cultural processes in the daily struggles for the visibility of the collectivity and how these practices effect pedagogies in their daily lives, amid the relationships they experience in the community life of this neighborhood. A pedagogy is outlined that is open to what is different, to the intersection of ethnic-racial and gender differences, intersected with other social markers, such as race, class, generations, gender, territoriality, sexualities, social inequalities, which enables demystifying and combat prejudice, stigmatization, and violence in the face of implementing urban planning policies.

KEYWORDS: Informal organizations. Black Quilombola women. Territoriality. Collectivity.

Introdução

As experiências vivenciadas, na localidade de Custodópolis, corroboraram com o desejo e a idealização de contribuir para a visibilidade do bairro que passou a ser reconhecido como quilombo urbano em 2018. Ao longo das festividades locais percebemos que estava ocorrendo um apagamento cultural e identitário. As características tão marcantes como empoderamento feminino, ancestralidade, marcas culturais do bairro de Custodópolis foram se perdendo e caindo no esquecimento, e poucas pessoas sabiam sobre a história e a carga

cultural e ancestral que foi forjada por muitos trabalhadores rurais e ex-escravizados que trabalhavam nas usinas e na urbanização da cidade de Campos dos Goytacazes.

Reconhecido oficialmente por quilombo urbano, um novo movimento informal de mulheres negras quilombolas vêm ocorrendo em prol do resgate de sua história, da cultura ancestral e da equidade. Através da coletividade, despertou o desejo de evidenciar a partir das experiências concretas e participativas que o quilombo urbano de Custodópolis vem lutado e resistido, principalmente ao que se refere a busca por visibilidade e ressignificação do espaço.

As organizações informais de mulheres negras quilombolas surgem como um espaço de participação das mulheres na sociedade na luta pela efetivação da garantia de direitos, através da coletividade, equidade, justiça, participação social e política. Contudo, mesmo em condições cruéis de subalternização impostas, dificuldades e os preconceitos sociais, mulheres negras quilombolas inventam suas próprias maneiras de cultivar suas existências e resistências. Escapam à perversa lógica que reforça desigualdades sociais, de gênero, de territorialidade e de sexualidade. É importante explicitar neste trabalho, de forma breve, como essas mulheres negras quilombolas não se sentiam representadas pelo grupo unificado de mulheres não negras obstantes da realidade vivenciada por elas.

A política de branqueamento pautada, também, no cientificismo moderno tendo como modelo padronizado, mulher branca, capitalista e cristã. Tudo que escape a esta ordem é marginalizado, deslegitimado. Nesse sentido, busca-se a elucidação com relação às mudanças no cotidiano de mulheres negras quilombolas a partir de suas organizações informais que expressam como possibilidades de resistências às situações provenientes da pobreza, violência e desigualdades sociais marcantes na sociedade brasileira.

Tornar as experiências de mulheres negras quilombolas visíveis, burlando as interdições sofridas por elas, ressignificando suas potências, suas histórias de lutas, solidariedade e sonhos. O discurso e as ações pautadas através da coletividade têm influenciado essas mulheres ao longo da história. Suas vivências cotidianas fazem uma releitura de sua realidade social, onde a partir das organizações informais, essas existências têm avançado para novas possibilidades de transformação destes grupos de pertencimento.

Portanto, esta tendência de “catalogar” todas as mulheres em um único grupo a partir de suas características comuns, há uma tendência de negligenciar as particularidades e demandas sociais presentes no contexto, pressupondo assim, que as problemáticas pautadas sejam universais, sendo, conseqüentemente, um impedimento na percepção de injustiças específicas marcante em alguns subgrupos marcados por uma dialética ainda racista e sexista decorrente do padrão societário e civilizatório eurocêntrico, antropocêntrico, machista e patriarcal.

Estas organizações informais formadas por mulheres negras unem e formam laços através das trocas de experiências, e/ou outros marcadores sociais. O movimento de mulheres negras quilombolas de alguma forma contribui para ocorrer uma ruptura nos comportamentos estabelecidos, portanto, as organizações informais agregam positivamente para estas questões. Principalmente as que nascem dentro do bairro ou comunidade quilombola corroborando para um delineamento de uma nova compreensão da realidade, mas, sem esquecer-se dos laços ancestrais que também servem como fortalecimento e compreensão da luta de outras mulheres mais velhas da comunidade. A partir desse contexto é que começa o surgimento de diversas organizações sociais contra as segregações e opressões vivenciadas pelas mulheres negras Quilombolas.

A pesquisa realizada teve com objetivo geral, promover um questionamento sobre a contribuição dessas mulheres para o fortalecimento e reconhecimento em prol de uma coletividade, defendendo a necessária abertura para o debate das demandas das populações negras desta comunidade. Com base na perspectiva teórico-metodológica assumida, utilizamos a pesquisa de campo por entendermos que através das narrativas de mulheres negras Quilombolas, há contribuição para a visibilidade na luta por uma educação antirracista e antissexista e que, ao trazer à tona o compartilhamento destes estudos e pesquisas para o espaço da universidade, colocamos em evidência temáticas e reivindicações das populações negras no meio acadêmico-científico, fortemente limitado pelo embranquecimento.

Concluimos que, através desta pesquisa sobre as narrativas das mulheres negras Quilombolas, têm grande relevância contra o apagamento cultural e identitário no enfrentamento antirracista e antissexista. Práticas realizadas por elas que as tornam visíveis ao efetuar pedagogias nos seus cotidianos, em meio às relações que experimentam na vida comunitária deste bairro, através da participação social e da atuação nas organizações informais, assumindo um papel fundamental dentro deste espaço de territorialidade.

Custodópolis um breve histórico da antiga “Cidade de Palha”: relato de memória

Conhecida em seus primórdios como “Cidade de palha”, descrito por moradores antigos por ser um lugar, cercado por mato, brejo e lagoa, cortadores de cana e ex-escravizados reuniam a espera de caminhões que os levassem para as lavouras das usinas canavieiras da região de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro. Esse local, transformado em ponto de encontro desses trabalhadores, foi por eles, pouco a pouco apropriado. Desbravadores como seu Policarpo e seu José, montaram uma vendinha para atender os trabalhadores que ali ficavam. Espaço bastante frequentado era um convite para o convívio, contribuiu para encurtar a demora da espera, com café e muita prosa. Esses artigos não

faltavam no estabelecimento, tinha em quantidade para “dar e vender”. Com clientela garantida, mais tarde, seu Zezé (que foi um morador antigo do bairro) montou um açougue.

O comércio surgia de mansinho e o lugar que antes servira apenas de ponto de encontro de trabalhadores, foi também se transformando em local de comércio e moradia. Alguns trabalhadores que moravam em áreas afastadas ou aqueles que não tendo onde morar, se acomodaram no entorno daquele lugar. “*Pegavam um pedacinho de terra e ficavam*” e construíram suas casas em meio ao improvisado, utilizavam barro, bambu, folhas de palmeira ou sapé. “*As casas tinham palha no lugar de telha*”. Vista do alto parecia uma “*Cidade de Palha*”. Nasce uma localidade que ninguém soube contar exatamente em que período surgiu, mas estima-se que por volta das décadas de 1920/1930. (grifo Dona Licinha)

Ocorre então a transição de “Cidade de Palha” as Terras de Custódio que surge a partir de um grande proprietário de terras, na época, um senhor chamado Custódio Siqueira que era médico, sendo ele proprietário de terras na comunidade resolveu transformá-las em lotes, vendidos “*baratinhos*”, “com pagamento facilitado”. Se alguém não tivesse no mês dinheiro para pagar, ele falava: “*depois você me dá*”. As áreas loteadas ficaram conhecidas como “*Terras de Custódio*”. Na memória, Custódio tinha o registro de um “*homem muito bom e simples, que entrava na casa dos moradores, tomava cafezinho e atendia os pobres*”. Pessoa de referência para a localidade, suas terras, ao serem loteadas, foram se tornando terras de tantos outros, como: Hipólito Sardinha, José Dias Nogueira, Senhor Nicodemos, Vicente, Zé Laurindo. (grifos Presidente da Associação de Moradores)

Uma comunidade que se alargava naquele entorno e pouco a pouco foram construindo um modo de vida que se tornou orgulho para os antigos moradores. Na lembrança dos mais velhos, o registro de que Hipólito Sardinha era dono de uma padaria e do Cine Teatro Primor, o primeiro de Guarus: “*Ele queria alegrar o povo [...], trazia artistas, show de música, colabora com o teatro amador*”. (grifos Dona Licinha). José Dias Nogueira, conhecido como Zezé Simão, foi um dos primeiros comerciantes do local. Seu espírito de liderança foi lembrado pelos moradores que o homenagearam como nome de rua e praça. Homem de característica pública, “plantou as primeiras árvores da praça, providenciou sua iluminação, organizou a comunidade na luta pela água encanada, mobilizou ajuda às famílias atingidas pela enchente de 1966”. Em 1962 foi candidato a vereador, mas não conseguiu se eleger. E houve quem questionasse: “*Afinal, como pode um homem de tamanco ser eleito?*” Responsável também pela fundação do Esporte Clube Come Gato, tornando-se o primeiro técnico do time, cuja origem do nome se justifica pelas comemorações, ao final das partidas, onde bebiam e comiam “*churrasco de gato*” por ele oferecido. (grifos Presidente da Associação de Moradores)

O Senhor Nicodemos era a alegria dos domingos. Muitos se “*desdobravam durante a semana para ganhar umas moedinhas para alugar suas bicicletas*” e Vicente era responsável

pela Quadrilha Caipira, Zé Laurindo pela Folia de Reis. Não faltava também fado, jongo e capoeira. Além disso, era comum a vizinhança se reunir nas noites de lua e as crianças brincarem na rua. Não tinha luz e nem medo, porque não tinha perigo. “Cada um puxava sua luz da pracinha (...) depois vieram os postes de madeira”. (grifos Dona Licinha)

Ao se consolidar como Bairro, Custodópolis¹ assume características próprias de um espaço urbano, o que contribui para alterar antigas formas de sociabilidade e usos dos lugares. Na versão de alguns moradores, o bairro tem hoje, em seu “comércio forte”, um motivo de orgulho e segundo palavras dos moradores “A pessoa sai a qualquer hora e encontra o que quiser”. É no entorno da Praça José Dias Nogueira, numa mistura de atividades de comércios e serviços, que Custodópolis se desenha. No entanto, o cartão postal da praça, é sem dúvida a igreja de Nossa Senhora da Conceição, também, a Escola de Samba União da Esperança (fundada em 1958) torna-se referência no Bairro, assim como o campo de futebol “Come Gato”, como era chamado e logo após passou a ser chamado Grêmio, no ano de 1974, sendo ainda um dos principais locais de lazer local.

Considerando o cenário descrito acima a partir dos meios utilizados para obtenção de informações sobre o surgimento do Bairro de Custodópolis suas memórias e histórias, entende-se que este processo de urbanização das terras de Custódio² juntamente ao embranquecimento forjado pelo apagamento das memórias que os ligavam à cultura de seus antepassados, Campos dos Goytacazes não ficou de fora. Mesmo nos dias atuais, a herança escravagista se desdobra em vários contextos sociais, assim como o racismo que mantém populações negras subalternizadas e alijadas no usufruto de condições dignas de vida. As formas de expressão do racismo se dão pela “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2019, p. 10-11), formas que, ao longo da história, submetem algumas populações mais que outras, à pobreza, à violência, ao desemprego, estigmatização, poderes de morte, necropoderes. Custodópolis sendo oriunda de uma comunidade Quilombola, não foi poupada de prejuízos sociais e culturais, principalmente ao que se refere às ações de agentes sociais que modelam e remodelam as cidades, os bairros, entre outros, em relação à distribuição ocupacional da sociedade brasileira.

Identificar como esse determinado lugar foi sendo construído geograficamente e socialmente e revelar alguns deslocamentos que desenharam o percurso do lugar da cidade “Palha as terras de Custódio, assume hoje a identidade de Custodópolis”. Identidade tecida pelas experiências, materializada em atos que expressam modos de vida compartilhados ou em disputa. A forma como o lugar foi apropriado demarcou territorialidades diversas, regidas por

¹ O nome do bairro foi uma homenagem ao Dr. Custódio Siqueira, que era médico e antigo dono das terras loteadas e que deu origem a esta comunidade negra.

² Custódio separou as terras em lotes e vendeu para as pessoas da comunidade quilombola para que as pessoas tivessem seus próprios locais de moradia e territorialidade.

um conjunto de valores e normas, que foram seguidas ou transgredidas (AZEREDO, 2011, p. 275 e 276).

Essa relação nos leva a pensar na teoria sustentada por CUNHA; BIÉ (2019) a combinação entre o Pensamento urbanístico brasileiro³ e os Bairros negros, apontando quão prejudicial essa relação pode ser para a cultura e especificidade urbana dessa população. O autor evidencia que esse padrão de planejamento urbano se torna problemático, pois a produção dos espaços públicos não leva em consideração a cultura daquela localidade, simplesmente, apresentam-se como soluções para questões consideradas pela hegemonia política, social e econômica como problemas a serem contidos.

Antiga área de moradia do povo negro de gerações advindas da escravização e de trabalhadores rurais, Custodópolis se incorpora ao tecido urbano por meio de um autofinanciamento a partir de um projeto de expansão da cidade de Campos dos Goytacazes, o que é revelado através de relatos de moradores locais sobre o processo de construção do Bairro. Portanto, entender as ações dos agentes sociais e a reorganização espacial em um Bairro negro como lugar da apropriação do corpo negro em uma relação hierarquizada de mão de obra barata de trabalhadores que contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento econômico da área central de Campos dos Goytacazes essa pesquisa torna-se relevante.

Liderança feminina: um sonho do reconhecimento e visibilidade do Quilombo de Custodópolis

O Quilombo de Custodópolis teve seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares (FCP), no ano de 2018, desde então a comunidade encontra-se em um resgate histórico de sua identidade Quilombola. O motivo pelo qual este local foi escolhido para desenvolver esta pesquisa de campo, foi evidenciar a tentativa de uma antiga moradora do Bairro, liderar um movimento de reconhecimento do local como uma comunidade Quilombola no ano de 2008. Essa liderança feminina negra, com o apoio e aprovação de alguns moradores locais buscavam o reconhecimento do Bairro naquela ocasião, fato que ocorreu somente em 2018 quando Custodópolis finalmente foi reconhecida como um bairro Quilombola. Um passo muito importante para esta comunidade deu-se a partir de um sonho de uma mulher negra quilombola de forma marcante. Ao tornar visível esta liderança negra

³ A experiência brasileira com o planejamento está diretamente vinculada à estrutura política, econômica e social do país; os planos urbanísticos aparecem como tentativas de solucionar determinados problemas da sociedade e envolvem a ideologia dominante nas bases da sociedade hegemônica de cada período em questão. (Cruz, 2011, p. 84)

quilombola e suas ações desenvolvidas para a valorização da cultura local, abre caminhos para outras muitas mulheres negras mais novas.

Ao reportar-se às questões históricas Laraia (1997) afirma que “participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”. Sendo abordado pela a autora que:

Com exceção de algumas sociedades africanas, nas quais as mulheres desempenham papéis importantes na vida ritual e econômica, a maior parte das sociedades humanas permite uma mais ampla participação na vida cultural aos elementos do sexo masculino (LARAIA, 1997, p. 80).

Compreender a importância que se “deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade.” (LARAIA, 1997, p.82).

Utilizar a pesquisa de campo através das narrativas de mulheres negras Quilombolas, traz à tona o compartilhamento destes estudos e pesquisas para o espaço da universidade, colocando em evidência temáticas e reivindicações das populações negras no meio acadêmico-científico, fortemente limitado pelo embranquecimento.

A proposta de estudar as organizações em espaços informais de mulheres negras no Quilombo de Custodópolis visa à observação e análise de como ocorrem os processos de subjetivação de empoderamento cultural e social nesses territórios, os modos de resistência que rompem com os silenciamentos do embranquecimento que são características delineadas ainda pelo “sistema mundo capitalista/cristão/racista/patriarcal/moderno/ocidental e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder.” (RUFINO, 2019, p. 12).

Evidenciamos que para a obtenção de dados para esta pesquisa uma observação participativa nas atividades desenvolvidas pelas organizações informais de Custodópolis, juntamente, com o apoio da associação de moradores que corroborou para que tivéssemos o primeiro contato com as representantes de mulheres negras do Quilombo, assim como, o contato com uma das moradoras mais antigas do Bairro, carinhosamente conhecida por Dona Licinha que tem noventa e seis anos de idade. As entrevistas ocorreram na sede da Associação de Moradores do bairro, com uso de celular para a gravação e posterior transcrição. No caso de Dona Licinha, devido a sua idade, impossibilidade de sair de casa, a entrevista foi realizada na sua residência. As entrevistadas assinaram termo de consentimento livre esclarecido para a publicação deste artigo.

As entrevistadas se autodeclararam pretas, se reconhecem como mulheres pretas Quilombolas, nascidas e criadas no Bairro de Custodópolis. Cabe ressaltar que utilizaremos nomes fictícios para identificar as duas mulheres que aceitaram participar da pesquisa, sendo

assim codificadas: Free black (Preta livre) e Trancista em ação. Ressaltamos que a primeira entrevistada é Preta livre, tem 39 anos, é técnica em enfermagem. Já a segunda entrevistada, Trancista em Ação, tem 35 anos, e aprendeu o ofício de ser trancista com sua mãe Lola (uma das primeiras mulheres a trançar os moradores do Bairro, homens, mulheres e crianças). Ao dialogarmos com as entrevistadas sobre quais movimentos têm ocorrido em Custodópolis para suas contribuições no sentido de dar visibilidade as mulheres negras Quilombolas em seu cotidiano. É o que mostra os trechos das narrativas abaixo:

“Temos nos mobilizados com mais frequência, com o apoio da Associação de moradores, em apoiar e incentivar as mulheres Quilombolas na valorização cultural com várias ações: cursos de tranças, desfiles, danças que resgatam a cultura quilombola, palestras com representações negras, doações de roupas, alimento e assistência jurídica (em parceria). Tudo realizado na sede da Associação de Moradores no Campo do Grêmio. Além da tia Márcia que nos ajuda com os agendamentos médicos, consulta ginecológica e dentistas para nossos pequenos.” (Preta Livre).

“Minha mãe era a trancista mais procurada de Custodópolis, hoje a idade traz algumas limitações, lembro da casa sempre cheia, quando criança, de homens, mulheres e até crianças que ficavam esperando a vez para fazer as trancinhas. Cresci neste ambiente e por consequência acabei me apaixonando. Hoje posso contribuir com o meu bairro promovendo junto a outras mulheres pretas e com o apoio da Associação de moradores de Custodópolis, cursos para nossas meninas negras. Esses cursos são ofertados geralmente quando tem eventos promovidos pela Associação, pois sou doméstica e trancista ao mesmo tempo”. (Trancista em ação)

É compreendido que em Custodópolis, reconhecido muito recentemente como Quilombo Urbano tem se esforçado, com o apoio da Associação de Moradores e as organizações informais de mulheres negras, apresentando em meio a tantas limitações e dificuldades cotidianas, a busca de visibilidade significativa dessas mulheres em seu próprio território. Fica evidenciado que algumas das ações que foram relatadas pelas participantes da pesquisa que, mesmo que discreta, porém grandiosa, para contribuição coletiva aos moradores dessa comunidade, através dos cursos ofertados por estas mulheres negras Quilombolas também através do fortalecimento da cultura afro-brasileira oferecido ao trançarem os cabelos de outras mulheres da comunidade de Custodópolis como espaço de fortalecimento e empoderamento a outras mulheres negras Quilombolas na luta antirracista e antissexista.

Nesse sentido, a compreensão de como as organizações informais de mulheres negras Quilombolas dão vazão ao lugar de fala que elas ocupam enquanto tal, traz à tona suas visões acerca das práticas que realizam. Evidências das relações de poder-saber nos tempos e espaços em que estão inseridas, estratégias de re-existência, práticas que tem contribuído para dar o fortalecimento comunitário, ações adotadas por mulheres negras nas diversas áreas e lugares que ocupam: religiosidades, dona de casa, universitárias, empregadas domésticas, trancistas, passistas, dançarinas, professoras de dança afro, artesãs, entre outras tantas que se unem em prol da coletividade, seja no campo cultural ou social.

As organizações de mulheres negras e a luta por visibilidade dentro do seu território

As organizações de mulheres negras, particularmente, assumiram um papel vigilante de pressionar pela visibilidade de sua existência e de sua participação dentro do território estigmatizado, Gonzalez (2020) “o quanto é fundamental a nossa organização, sobretudo quando se trata de um projeto de transformação social”. As ações desenvolvidas pelas mulheres negras ao que se referem as suas experiências de opressões vividas e sua busca por fortalecimento e reconhecimento, e as práticas organizacionais relativas com o empoderamento de outras mulheres, corrobora para que se desenvolva uma reflexão sobre suas necessidades, senso crítico e pertencimento ao espaço, que contribuirá para o fortalecimento mútuo para o enfrentamento das relações de submissão vivenciadas pelas mulheres negras Quilombolas.

Em consequência, a opressão racial e a exploração de classe ficam devidamente esquecidas nos porões de uma sociedade cujos sistemas de classificação social e econômico fazem da mulher negra o foco, por excelência, de sua perversão. Esquecer isso é negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral (que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo). Esquecer isso significa não querer ver todo um processo de expropriação socioeconômica e de apropriação cultural que as classes dominantes brancas têm exercido contra mulheres e homens negros deste país. (GONZALEZ, 2020, p. 249).

Conforme Rolnik (2019), a opressão, a exploração e a exclusão produzem subjetividades subalternas nas quais mulheres negras tendem a não atribuir valor à própria existência, o que gera um sentimento intolerável de humilhação. Traumas de classe, de raça, de etnias são os mais graves e difíceis de superar, porque não param de se reproduzir do começo ao fim da existência do indivíduo, da família, da comunidade. Traumas herdados da escravidão que se reatualizam até hoje e colocam a vida sobre ameaça a todo instante. Os sujeitos podem responder a eles submetendo-se e apoiando os responsáveis pela subalternidade. Mascarando o seu trauma. Ou podem resistir micropoliticamente, ganhando

mais força para lutar contra as macropolíticas de opressão e as necropolíticas que ameaçam sua pulsão vital.

Para Oliveira (2001), “uma das marcas das lutas sociais do século XX foi à insistência na organização popular que a mudança pode ocorrer”, ou seja, quando as mulheres negras Quilombolas reinventam estratégias em seu cotidiano para o enfrentamento dos problemas diversos que emergem tanto de agentes externos, quanto de agentes internos, pela valorização dos laços de solidariedade para o fortalecimento da vida comunitária, traço cultural herdado da ancestralidade, características marcantes de coletividade evidenciadas em mulheres negras Quilombolas atuantes dentro deste espaço.

Construir a história de organizações de mulheres negras no Quilombo urbano de Custodópolis, a partir de seu lugar e transformá-lo, não o tendo tão somente representado apenas, como um Bairro de Guarus, mas historicamente como palco de resistência e afirmação cultural afro-brasileiro que busca se organizar em contraposição ao sistema social que segrega os moradores “do outro lado da ponte” onde constantemente a luta por equidade e pertencimento é evidenciada dentro do espaço de territorialidade.

É sabido que a organização social, e/ou a organização informal através das narrativas coletivas destas comunidades como forma de combate aos silenciamentos nas possíveis decisões políticas que se inclina a inverter a lógica das prioridades sociais, assim são as desigualdades que conjugam diferenças de gênero, de raça, de classe social, dentre outros marcadores culturais. É o que acontece em nosso país, pois mulheres negras são excluídas do usufruto de condições dignas de existência.

Almeida (2002) aborda que “[...] a questão Quilombola no Brasil tem uma dimensão histórica, onde a categoria Quilombo corresponde aos grupos formados por escravos fugidios”. Entretanto, a partir da integração deste dispositivo na Constituição de 1988, é exigida a transformação desta para alocar os grupos num presente concreto (O'DWYER, 2002), a partir da “formação da identidade do grupo cultural, objetivando incentivar a valorização e o respeito à diferença e a pluralidade cultural”. Esta complexidade de relações existente entre os processos sociais, culturais e seus fenômenos, intervém no novo perfil de indivíduos de nossa sociedade, especificamente das mulheres, pois permite que haja uma reflexão formadora de opinião e valorização da identidade na formação dos seus direitos e convívio do seu papel social.

Corroborando para as questões até aqui elencadas, José Raimundo; Gehlen (2003), “falar em relações raciais, gênero e o cotidiano” dentro dos espaços ocupados pelas mulheres implica em uma nova postura das dinâmicas sociais. As dinâmicas sociais sempre induzem a distribuição de poder desigual colocando sempre a mulher em lugar de subalternidade. Presença e mistura de corpos, texturas, peles, cabelos, cores, linguagens, idiomas, e tantos outros elementos conectados entre si, desafiando o racismo e o sexismo que insistem em

aprofundar desigualdades sociais entrecruzadas com outras categorias que tornam mulheres negras Quilombolas, pessoas de cor, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas mais vulneráveis (COLLINS; BILGE, 2020).

A forma de organização informal que as mulheres negras Quilombolas estão desenvolvendo, em contextos de bairros periféricos têm corroborado significativamente para que a partir das ações coletivas, idealizem e compunham representações que se consolidem. A participação da mulher negra quilombola serve como instrumento de ruptura de paradigmas socioculturais contribuindo em maior inserção e participação das mulheres negras atuantes nesses espaços de relações de poder, principalmente dentro do lugar de pertencimento e de articulação para a efetivação das políticas de equidade, políticas públicas em instâncias governamentais e não governamentais e/ou na participação dos movimentos sociais.

Dessa maneira, defendemos que a organização de mulheres negras, quando bem estruturada poderá contribuir para a criação de estratégias como formas de superação, empoderamento, visibilidade no processo de reconhecimento cultural, de territorialidade. Contribuições de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus em seu livro “O Quarto de Despejo” (2014) se configura em uma mulher solidária, empática, para além de uma “favelada” que irá justamente dialogar com a visão de Rezende (1994) sobre as manifestações opressoras cotidianas vividas por mulheres negras Quilombolas no lugar onde moram. Espaços com titulações diferentes (favelas, periferia, bairro quilombos), mas que oportunizam as mesmas sensações, discriminações, marginalizações, sexismo, entre outros.

As mulheres negras Quilombolas lutam para que se tenha a compreensão de apesar de algumas pautas serem de cunho comum, ao mesmo instante não podem ter ligação com as vivências de mulheres não negras de outros territórios e culturas, sendo necessário que se formasse um novo movimento: a organização de mulheres negras Quilombolas em um Quilombo Urbano (Custodópolis) que trabalham para que se tenha um resgate cultural além de lidar com problemas característicos de um bairro estigmatizado. Como adverte Ângela Davis:

Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspeto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras (DAVIS, 1982, p. 10).

São nos espaços sociais e culturais que de acordo com Rezende (1994) que “cotidianamente a mulher negra garante sua sobrevivência, se relaciona com as múltiplas formas de manifestações do racismo, com a desigualdade de gênero e desenvolve diversas formas de organizações informais geradoras das mudanças sociais”.

Considerações

As organizações informais de mulheres negras Quilombolas dentro dos territórios desenham um processo reflexivo da realidade vivenciado por um grupo historicamente discriminado e subalternizado, corroborando para que estas mulheres possam de fato reverter estas manifestações opressoras no lugar onde moram. E para tal processo, reformular transmutando as experiências cotidianas onde a pobreza, violência, discriminação de gênero são propagadas com força, onde suas falas são silenciadas, indica que o quilombo urbano de Custodópolis tem há tempos promovido reflexões sobre a presença marcante de mulheres negras que se organiza em prol de outras mulheres, por lutas coletivas ao que se refere à valorização da identidade cultural, empoderamento e visibilidade em seu território. Dentro deste contexto, mulheres negras lutam por direitos e equidade. Outra autora negra que corrobora para a defesa do poder falar das mulheres africanas, afro-brasileiras, Quilombolas é Djamila Ribeiro. O conceito “lugar de fala” é criado pela autora por entender que certos grupos não possuem o direito de manifestar suas próprias percepções e experiências vividas. Quando, raramente, esses discursos e outras formas de expressão de grupos subalternizados são pronunciados, carecem de validade em razão da posição que ocupam na vida social. Portanto: “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades”. Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. (RIBEIRO, 2019, p. 34).

Fica claro que em Custodópolis a mobilização de mulheres negras Quilombola foi justamente na busca pelo reconhecimento do lugar como sendo um Quilombo urbano e a luta contra a invisibilidade da mulher negra dentro do seu próprio território como espaço cultural e social. O que mostra a efetividade da organização de mulheres negras Quilombolas e as múltiplas formas de interpretação e apropriação em um quilombo urbano. Compreender a ação de agentes externos que contribuíram para uma reorganização urbanística nas antigas terras de “Custódio” nos instiga a refletir quem são os corpos que outrora ocupavam esses lotes, e principalmente quais são os corpos que ocupam esse território na atualidade bem como suas relações sociais que eles promovem e de que maneira se articulam. Uma pedagogia da encruzilhada, como nos diz Rufino (2019), pedagogia que se abre ao diferente, ao cruzamento das diferenças étnico-raciais e de gênero, interseccionadas a outros marcadores, como as gerações, raça, classe, desigualdades sociais, de gênero, de territorialidade, de sexualidades o que possibilita desmistificar e combater preconceitos, estigmas e violências na efetivação de políticas no planejamento urbano.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Quilombos e as novas etnias**. In: O'DWYER, Elaine Cantarino (org.) Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. (p.43-83).

AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Da cidade de Palha à Custodópolis: memória e sociabilidade**. Verônica Gonçalves Azeredo. V.12 n. 37. 2011 Março caminhos de geografia revista on-line. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> ISSN 1678- 6343. Acesso em 8 de julho de 2021.

BARBOSA, Karla Maria da Silva. BARBOSA, Karla Maria da Silva. **Feminismo e Emancipação: um estudo sobre a concepção da emancipação da mulher negra na Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba**. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia Científica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes. 1992.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 out. 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/legislacao/constituicao-federal/> . Acesso em: 11 julho. 2022.

_____. Presidência da República. Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm . Acesso em: 11 julho. 2022.

_____. **Ipatrimônio-Patrimônio Cultural Brasileiro** (Beta). Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/campos-dos-goytacazes-quilombo-custodopolis/#!/map=38329&loc=-21.813292479471347,-41.317243193787895,17> Acesso em 20 de Junho 2022.

COLLINS, Patrícia. Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

CORTES, Soraya M Vargas. **Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados**. In Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas; org. Corrêa, Máira Baumgarten; Neves, Clarissa Eckert Baeta. Cadernos de Sociologia, volume 9 - 1998 p. 11- 48.

CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; et al (Org.) **Bairros negros cidades negras** / Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2019. 280p. ISBN - 978-6580609-20-9 Disponível em: <http://www.editoraviadourada.org> acesso em: 15 de julho de 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 1981.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos Empíricos da explicação Sociológica**. Edição: 4 ed.Descrição: 345 p. Editora: São Paulo : [T. A. Queiroz](http://www.taqueiroz.com.br), 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Aramis Hovarth; MELLO, Leonardo Freire de. **Racismo Territorial: O planejamento urbano tem um problema de raça**. São Paulo: Paco Editorial, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-brasileiro: ensaios, intervenções e diálogos**\ organização Flavia Rios, Márcia Lima- primeira edição - Rio de Janeiro; Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977 **Quarto de despejo: diário de uma favelada** / Carolina Maria de Jesus ; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. ed. – São Paulo : Ática, 2014. 200p. : il. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/wp-content/uploads/2019/11/quarto-de-despejo.pdf> acesso em 15 de Junho de 2022.

JOSÉ RAIMUNDO, Valdenice; Régia Fernandes Gehlen, Vitória. **É PRECISO TER RAÇA: As formas de organizações Informais no cotidiano das Mulheres negras da favela Bola de Ouro Território de maioria negra**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997:<https://petarquiteturaufmq.files.wordpress.com/2013/04/laraia-cultura-um-conceito-antropolc3b3gico.pdf>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Hersilia Monteiro Cadengue. **Organização das mulheres e estratégia de sobrevivência no semi-árido nordestino**. Recife, 2001.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Sociologia das Organizações: Uma análise do homem e das empresas no ambiente competitivo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

REZENDE, Maria Valéria. **Existe um lugar da mulher nos movimentos**. Gaveta Aberta. Número 1; Equip. Mov. 1994.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2019.

VELÁSQUEZ, Daniela. **Identidade en contexto: Trayectoria politica de uma liderança em Custodópolis, Campos dos Goytacazes (RJ)**, Brasil. XI Congresso Argentino de

Antropologia Social, Rosário. 2014. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-081/598> acesso em 11 de Julho. 2022.

NOTAS

* **Luciana dos Santos Jorge Pessanha**

Pedagogia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF). Especialização em Orientação e Supervisão Escolar; Especialização em Ludopedagogia; Especialização em Docência com ênfase na Educação Especial Inclusiva. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Raça (NEPER/UFF). Desenvolve pesquisas interdisciplinares nas áreas de Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade étnico - racial, Protagonismo negro e aplicabilidade de forma significativa da Lei n. 10.639/2003 nas escolas. Escritora do livro infantil Os cachinhos de Malaika.

E-mail: lukipessanha@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3962-3796>

** **Hélen de Oliveira Soares Jardim**

Mulher. Negra. Assistente Social. Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) - UFPEL. Mestre em Ensino - UNIPAMPA. Especialista em Educação e Diversidade Cultural – UNIPAMPA. Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Philos Sophias. Pesquisa os seguintes temas: Negritudes, Religiosidades Afro-brasileiras, Mulheres Negras. Associada na Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Membro integrante do Comitê de Igualdade Racial no município de Bagé (RS). Membro Fundadora do Coletivo Negro História Afrografia e Promotora Legal Popular.

E-mail: helenjardim.ms@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8944-4799>

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM:

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES:

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Revista Goitacá os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 Internacional. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal Fluminense. Publicação no Portal de Periódicos UFF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Ana Cláudia de Jesus Barreto e Juliana Desiderio Lobo Prudencio

HISTÓRICO

Recebido em: 29-09-2022 – Aprovado em: 06-12-2022 – Publicado em: 29-12-2022.